

BEST-SELLER DA AMAZON
NANA PAUVOLIH

Renascer de
Letícia

*Série
Segredos*
VOLUME 4.5

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

RENASCER DE LETÍCIA

Nana Pauvolih

Renascer de Letícia é um conto sobre Letícia Cavašin, uma personagem secundária do livro RENDIDA (Série Segredos).

Foi feito para comemorar o Dia dos Namorados.

É para todos os meus leitores, com muito carinho.

Espero que gostem.

Rose Bouças, obrigada por sua ajuda sobre os traumas de Letícia e os melhores tratamentos. Você, além de muito querida, é uma profissional exemplar. Beijos!

Meninas do meu grupo (Romances Picantes de Nana Pauvolih), obrigada pelas várias músicas que sugeriram para Marcelo e Letícia. Eu ouvi todas enquanto escrevia. Beijos!

Nana Pauvolih.

CAPÍTULO 1

'Não somos apenas o que pensamos ser. Somos mais; somos também, o que lembramos e aquilo de que nos esquecemos; somos as palavras que trocamos, os enganos que cometemos, os impulsos a que cedemos... 'sem querer''

—Sigmund Freud

LETÍCIA CAVASIN OLIVEIRA

Eu o vi chegar, como acontecia todo fim de semana, há quase um mês.

E nunca vinha sozinho. Como das vezes anteriores, trazia em uma mão a coleira de seu lindo cachorro Golden Retriever, que tinha uma pelagem lisa e dourada, e na outra mão, um belíssimo buquê de flores. Eu não era especialista nem em flores nem em cachorros, mas conhecia aquela raça por ser comum para os cegos. Tinha visto em programas de televisão. Mas sobre as flores, só consegui perceber que eram uma mistura exuberante de cor de rosa, lilás e branco. Azaleias, talvez.

Ele nunca decepcionava. Aos sábados e domingos chegava e, não sei por que, eu já acordava cedo e sentava em um banco isolado do jardim, esperando-o. Havia algo encantador em ver um rapaz tão bonito e sério sempre com seu cachorro e suas flores. O cachorro era o mesmo, mas as flores nunca repetiam. Eram sempre maravilhosas, em uma explosão de cores que combinavam entre si.

Afastei uma mecha do cabelo comprido que o vento jogava em meu rosto, meus olhos acompanhando-o enquanto parava antes de chegar aos degraus da varanda e se abaixava para soltar o cachorro da coleira. Sempre fazia isso. Falava com o animal, acariciava sua cabeça, como se fizesse recomendações. Obediente, o Golden Retriever, balançava o rabo, olhando-o com uma espécie de adoração. Então, se virava e entrava na clínica, enquanto o cachorro ia arrumar um canto para deitar no jardim e o esperar.

Suspirei, após todo o ritual. Não sabia por que eu gostava tanto de observar aquilo. Talvez por que minha vida fosse só isso, sentar ali e olhar em volta, pensar, sondar minha mente e meu passado, passar pelas reuniões com psicólogos e psiquiatras, pelos encontros em grupos e toda a terapêutica da clínica. Mas entre tudo ou nada que compunha os meus dias, eu esperava aquelas manhãs, aqueles momentos. Só para olhar.

Daquela vez, o cachorro rompeu todo o ritual. Não foi se deitar. Ficou sentado, olhos fixos na porta por onde seu dono tinha sumido. Era como se estivesse prestes a ignorar as recomendações e segui-lo. Mas então, se ergueu, virou e caminhou sozinho, a boca aberta, uma parte da língua para fora. Parecia procurar algo para se distrair, quebrar sua rotina.

Como ainda era de manhã, o jardim não estava movimentado. Ele andou por lá, a brisa ondulando sua pelagem entre mel e dourada, as franjas sacudindo em cada passada. Como era lindo! E parecia inteligente, atento.

Não acreditei quando olhou para mim e deu uma parada, talvez me avaliando. Nós nos encaramos e, muito naturalmente, veio até mim como se sorrisse, os olhos escuros brilhando.

Fiquei imobilizada. Não tinha esperado aquilo e, por um instante, senti aquele incômodo que sempre me acometia quando alguém me fitava atento ou vinha para perto de mim. Era uma sensação quase sufocante de ameaça. Em geral, depois de alguns meses internada na clínica, sendo alvo de atenções, eu conseguia suportar aproximações. Mas não contatos. O toque era algo que eu evitava a todo custo.

Nem pisquei enquanto o cão parava ao lado do banco, balançando o rabo para mim, sentando-se sobre as patas de trás. Olhou-me animado, como se pedisse um carinho, algo de carente e carinhoso nos olhos aveludados. Eu só o encarei, tensa, esperando uma ação agressiva. Ele se lambeu e voltou a pendurar a língua, como se sorrisse.

Não paramos de nos olhar. Pensei em me levantar e sair dali, mas uma espécie de doçura e de fragilidade nele me tocou. Não me

movi. E então, como se tivesse cansado de esperar uma atitude minha, abaixou levemente a cabeça e a esfregou em meu joelho.

Perdi o ar. Em algum lugar da minha mente embotada, gelei, pensei em um ataque. A sensação foi real demais e, embora a lembrança não tivesse forma nem clareza, eu a senti como um vislumbre do passado. E sabia ser. Tinha as inúmeras marcas no corpo para comprovar o que minha mente teimava em esquecer.

Minha garganta travou, um frio horrível se espalhou como a congelar meu sangue, bem devagar. Mas nada ruim aconteceu. O cachorro só apoiou sua cabeça lá, sobre a calça que cobria meu joelho, quietinho, acomodado, sereno. Fiquei olhando seu pelo, seus olhos piscando com preguiça, sua entrega silenciosa a uma estranha. E o entendi naquele momento. Ele se sentia sozinho. Como eu, a maior parte do tempo.

Consegui controlar meu nervosismo, mas não me movi. Puxei o ar para os pulmões, expirei, não deixei de me concentrar totalmente nele. Quando ergueu um pouco a cabeça, ainda encostado em mim, buscando meus olhos, eu vi ali seu pedido e entendi o que ele queria.

- Não posso ... – Murmurei, me justificando.

Continuou esperando e, oferecido, esfregou mais a orelha em meu joelho, só faltando suplicar por carinho. Contraí meus dedos sobre o banco, sentindo-os dormentes, quentes.

Primeiro, veio uma vontade de sair correndo. Ter qualquer pessoa perto demais de mim me dava pavor. Tocar em outro ser também. Até ali fui respeitada, ninguém me obrigou a nada. Eu falava quando era solicitada, participava dos grupos, mas sempre atenta ao meu espaço. E agora aquele cão vinha sem pedir permissão, sem se importar, apenas querendo um toque meu. Como os que o rapaz sempre dava nele antes de entrar na clínica.

Segundo, eu me acalmei, sem nem entender por que. Era estranho. Talvez fossem aqueles vídeos que passavam para a gente na clínica, de bebês. Eles aprontando, fazendo arte, rindo tanto, que acabavam despertando uma vontade de sorrir sem explicação. Eu sempre ficava mais equilibrada e leve depois daquelas sessões. E das conversas com Lara e com a doutora Rose, que me faziam

recordar pequenos momentos da minha primeira infância. Quase que podia sentir o abraço da minha mãe quando era uma garotinha e a sensação de conforto e proteção.

Sabia que era apenas uma parte da minha vida, até os sete anos. Tudo que eu me recordava com clareza. Via as cicatrizes em meus pulsos, tinha conhecimento que estava ali por que tentei me matar. Como sabia que passei um tempo em estado catatônico, depois que fui salva. Quando tomava banho, sentia as marcas em meu corpo, embora evitasse olhá-las. Tudo isso não era novidade. Vislumbres de violência, cheiros de sangue, toques com muita dor, eram como pesadelos aprisionados dentro de mim. Existiam. Mas eu os sufocava. E não me lembrava deles. Sentia, mas não lembrava. Eu era apenas a Letícia agora e a menina até os sete anos de idade. Entre um e outro, havia uma lacuna. Que minha mente apagou.

Nas sessões, doutora Rose explicou que eu tinha Amnésia Dissociativa, devido a eventos traumáticos na minha vida, o que tinha me levado à tentativa de suicídio. Era um distúrbio de memória, no meu caso definido em dois tipos, um contínuo, pois eu não recordava de muitos eventos subsequentes aos meus sete anos; e outro sistematizado, pois embora eu lembrasse, por exemplo o que estudei na escola aqueles anos todos após os sete, eu tinha esquecido informações sobre minha família e determinada pessoa. Meu pai. Tinha selecionado o que recordar.

Quase sufoquei só em imaginar aquele homem. Meu pai. Minha mente se fechou, meu coração disparou, tudo pareceu virar um branco vazio e gélido. Mas então, o cachorro deu uma latida, como a me avisar que estava ali, exigindo mais atenção, tirando-me de meus doloridos devaneios. Olhei-o um tanto confusa e ele se animou, esfregando a cabeça em mim com mais empolgação.

- Pare ... – Murmurei.

Ele continuou. Tive pena de sua carência, de seu pedido mudo. Seu pelo parecia tão macio ... E se eu ...

Tentei ignorá-lo, um tanto nervosa. Continuei sem me mover e olhei para frente. Talvez, se eu fingisse que ele não estava ali, fosse procurar outra pessoa para acariciá-lo.

Foi uma disputa de forças, de vontades. Não o olhei, nem o toquei. Mas fiquei consciente o tempo todo que estava ali.

Ele esperou, se esfregou, se lambeu. Por fim, pareceu se cansar. Mas não foi embora. Deitou no chão e sua cabeça foi repousar sobre meu pé esquerdo. Espiei-o, sem acreditar. Deu uma espécie de suspiro conformado e fechou os olhos, cochilando.

Era um folgado.

Não sei por que, tive vontade de sorrir. Relaxei um pouco, até que me acostumei com o calor e o peso em meu pé, sem poder tirar os olhos dele. E então começou a parecer certo estar ali e tê-lo junto a mim. Todo incômodo foi se esvaindo e foi minha vez de suspirar e me conformar. Se fosse sincera comigo, apreciar.

Não sei quanto tempo ficamos assim. Vi outros pacientes saindo da clínica para sessões em grupo ao ar livre, ou sozinhos, apenas para aproveitar a manhã. Uma brisa gostosa soprava, estávamos sob uma árvore frondosa e não fomos incomodados. Uma ou duas vezes, olhei para a varanda do casarão, esperando o rapaz alto e moreno, com cabelos cacheados sempre despenteados, sair e buscar seu cachorro. O que ele diria se soubesse que daquela vez não o esperou no gramado? O que faria se o visse perto de mim?

Fiquei um tanto preocupada e receosa, mas não saí dali nem me afastei do cão. Para dizer verdade, nem me mexi, com medo de incomodá-lo. De perder aquele contato inusitado e que não me deixava em pânico, mas estranhamente confortada.

Ele se moveu e ergueu a cabeça. Olhei-o na hora, enquanto voltava a se sentar e a me encarar naquela expressão alerta e pidona, novamente pronto para exigir sua cota de atenção. Veio mais perto, depositou o queixo em meu joelho e manteve os olhos nos meus, meio sonolento.

- Você é insistente. – Falei baixinho e isso o fez sacudir o rabo que mais parecia uma franja, contente.

Não sei o que me deu. Foi rápido e nem pude me dar conta do que fazia. Em segundos, eu tinha erguido a mão direita, como motivada por suas súplicas silenciosas ou sua companhia agradável, terna. Estremeci da cabeça aos pés quando mergulhei os dedos em seu pelo macio e abundante, na parte posterior da cabeça.

Senti vida e calor. Depois de apenas tocar objetos inanimados, aqueles pelos mornos pareceram comichar em meus terminais nervosos e espalhar uma sensação estranhamente gostosa dentro de mim. Deixei os dedos ali, enterrados entre a massa dourada, enquanto nos comunicávamos pelo olhar, calados, nos entendendo mais do que um dia julguei possível.

Ele pareceu sorrir de novo, a língua para o lado, piscando deliciado. Movi a mão, passei em sua pelagem, testei meus sentimentos naquele gesto tão surpreendente e novo para mim. Foi um mundo de descobertas e nenhuma delas me provocou pânico. Pelo contrário, me encheu de vivacidade, de uma esperança e algo novo que não soube nominar. Mas que me fez bem.

E assim eu o acariciei, cada vez mais. Sorri para ele. Quis saber seu nome, quis dizer algo bom, como uma tola. Mas apenas o senti e olhei, enquanto era retribuída, descia meus dedos por baixo de sua orelha, me arriscava em mais carinhos. Esqueci o mundo. Fiquei perdida naquele momento e naquelas sensações tão boas e prazerosas.

Então, suas orelhas se ergueram de repente e ele virou a cabeça, alerta, ligado em algo. Desperta por sua reação, segui seu olhar e me imobilizei quando vi o rapaz descer os degraus da varanda, sem suas flores, sozinho, a cabeça baixa. Havia algo como derrota em seu andar, sua postura. Ou talvez fosse apenas tristeza.

Imobilizei-me. Tive medo que me visse com seu cachorro, ainda mais quando ergueu o rosto bonito, afastou um cacho dos olhos e os passou em volta, buscando seu cão. O Golden Retriever levantou-se e na mesma hora eu o soltei, nervosa, meu coração disparando. Quase fui para o lado oposto, mas não consegui me mover, nem parar de olhar para o rapaz.

- Fred ... – Ele chamou alto, em uma voz grossa e meio rouca que chegou até mim e me surpreendeu. Era a voz de um homem feito, potente, segura.

O cachorro disparou correndo para ele, latindo, feliz da vida.

O rapaz se abaixou, tirando a coleira do bolso, enquanto recebia uma lambida grande no rosto. Contive o ar, esperei uma reprimenda, mas sua expressão carregada suavizou e ele abraçou o

cão, ambos iluminados em cheio pelo sol da manhã naquele gramado muito verde. Falou algo, acariciou o animal e prendeu a coleira, somente então se levantando.

Pareciam bem satisfeitos um com o outro, amigos, íntimos demais. Quando o rapaz se afastou, o cachorro foi com ele, animado, balançando o rabo. Mas, como se não tivesse me esquecido completamente, virou o rosto para mim e latiu alto, em uma espécie de saudação. Ou agradecimento por ter feito companhia a ele. Ou apenas uma despedida. Depois seguiu com seu dono.

Não tirei os olhos deles. E me dei conta que não tinha precisado me preocupar.

Em nenhum momento o rapaz olhou para mim ou percebeu que eu estava ali. Para ele eu fui como tentava ser o tempo todo: invisível.

Não entendi por que aquilo fez meu peito se apertar.

CAPÍTULO 2

"O sujeito é forte enquanto acredita e sustenta ideias fortes."

—Sigmund Freud

MARCELO MAIA

Eu sempre fui um homem forte.

Era ainda jovem, mas já tinha sobre os ombros responsabilidades de um velho. E sempre tinha sido assim. Mas agora, aos 22 anos, eu tinha sido seriamente golpeado pelo destino. E estava cansado de ser a fortaleza, o rochedo que todos viam. Eu me sentia muito sozinho. E cansado. Perdido. Fraco.

Enquanto me dirigia para a Clínica Alice Falcão naquele domingo bem cedo, com Fred ao meu lado apreciando o vento que vinha da janela e batia em seus pelos, um enorme buquê de primaveras disposto no banco detrás, eu só pensava. Como vinha fazendo há muito tempo.

Fui forte quando meus pais morreram em um acidente e eu tinha apenas 18 anos de idade. Cuidei da minha irmã Elisa, um ano mais nova que eu. Assumi, sozinho, nossas plantações de flores, plantas ornamentais e mudas para jardins, no sítio em que vivíamos. Tranquei minha faculdade. Minha vida se tornou dura e dedicada ao que me restava da família, minha irmã, e aos negócios.

Não podia reclamar de nada disso. Não via como obrigação. Era uma vida que eu gostava, embora quase não tivesse mais tempo para sair com os amigos e ser despreocupado. Minha última namorada reclamava da falta de tempo, das minhas preocupações constantes. Por isso tinha acabado e eu estava sozinho.

Mulher nunca faltou para mim, mas ainda era jovem demais para me prender a alguém e com muita coisa para resolver antes de poder relaxar um pouco.

Desde que meus pais morreram, o que mais fiz na vida foi trabalhar. Era uma maneira de expandir os negócios, ter uma vida melhor, dar um futuro para Elisa e também uma ocupação diante da dor. Somente quem perdia violentamente pessoas que amava

demais podia entender minha dor. Há quatro anos eu convivia com ela, calado, sem chorar uma vez sequer, sem me revoltar.

Minha mãe e meu pai tinham sido tudo para mim. Meus amigos, companheiros, confidentes. Eu os admirava e queria ter na vida um amor como o deles, intenso, verdadeiro, único. Éramos uma família feliz. Eu vivia sorrindo e via a vida como algo lindo a ser apreciado.

Até que eles completaram vinte anos de casados e, para comemorar, resolveram viajar uns dias, sair da rotina do sítio. Se programaram e partiram felizes para aproveitar as praias de Fortaleza. Nunca chegaram lá. O avião em que estavam caiu e matou mais de cem pessoas, eles incluídos. Não consegui acreditar. Acho que ainda esperava que chegassem em casa e dissessem que era mentira. Não fosse a dor e a saudade, eu me convenceria daquilo.

Elisa tinha se desesperado. Era uma moça frágil, desde muito nova não sabia lidar com perdas e sentimentos funestos. Quando algum de seus animais de estimação morria, caía em prantos e em tristeza profunda. Mas nada a tinha preparado para perder os pais, que sempre a protegeram demais. Os dois primeiros anos foram muito difíceis e ela chegou a tomar antidepressivos, embora fosse tão nova.

Eu me desdobrei para cuidar dela e dos negócios, mas finalmente a vi se recuperar aos poucos. Agarrou-se em mim como tábua de salvação, a ponto de me sufocar com seus medos de que algo pudesse me afastar dela também. Dizia que não aguentaria, que nunca poderia lidar com a solidão.

Quando achei que as coisas se ajeitariam, ela se apaixonou pelo filho de um fazendeiro vizinho. Começaram a namorar e o cercou tanto, que o rapaz quis se separar. Foi nova onda de depressão e choro, novamente eu fazendo de tudo para que se recuperasse. Demorou, mas aconteceu.

Há alguns meses, se apaixonou loucamente por um colega de faculdade. Só falava nele e andava sonhadora pelos cantos. Dizia que ele se casaria com ela, fazia planos, mergulhava de cabeça naquela relação. Eu tentava conversar, fazê-la não ficar tão

obsessiva, ter outros interesses. Mas nunca imaginei sua reação quando o rapaz a traiu com sua melhor amiga e a deixou para ficar com ela.

Elisa não se conformou. Tomou um vidro inteiro de remédios e quase morreu. Se eu chegasse alguns minutos a mais, era o que aconteceria.

Depois que saiu do hospital, eu vi que estava muito mal emocionalmente, em sua pior crise depressiva. Um dos empregados do Sítio falou da Clínica Alice Falcão e a internei ali, há algumas semanas.

Devido ao trabalho exaustivo no sítio, eu só podia vê-la nos fins de semana, quando ia visitá-la com Fred e com flores que eu tirava de nossas plantações e sabia que ela adorava. Estava arrasado, preocupado e aquelas visitas em nada aliviavam isso. Pois Elisa parecia morta naquele lugar, sem interesse em melhorar. Meu maior medo era que ela tentasse se matar novamente.

No dia anterior, tinha ido vê-la e saí de lá pior do que quando cheguei. Nada do que fiz ou disse a animou. Nem as flores que levei. E agora, ao voltar à Clínica, eu sentia meu peito apertado e um desespero incipiente, sem saber mais o que fazer para tirá-la daquela crise.

Estacionei a caminhonete ao lado de outros carros e descí. Prendi Fred na coleira e ele estava todo animado, sacudindo o rabo. Disse a ele:

- Não vá fugir como ontem, Fred. Espere no jardim, ouviu?

Ele latiu, feliz da vida. Era meu amigo e companheiro, muito bem adestrado. Por isso eu o trazia, sabendo que esperaria por mim no lugar de sempre. Mas no dia anterior, tinha vindo correndo de outro canto e eu temia que aprontasse alguma e os donos da clínica me proibissem de levá-lo. Sempre tinha a esperança de que Elisa quisesse vê-lo, afinal, sempre o adorou. Mas não conseguia despertar aquele interesse nela nem fazê-la sair do quarto.

Peguei o buquê enorme de primaveras coloridas, bati a porta do carro e saí com Fred, caminhando com ele pelo terreno gramado, mais uma vez me dando conta como tudo ali era bem cuidado. O trabalho era excelente e minha irmã estava recebendo o melhor, mas

mesmo assim nada parecia mudar. E a cada vez eu me sentia mais triste, acabado, nervoso. Sem saber o que fazer.

Dirigi-me ao casarão da clínica, imerso em meus pensamentos e preocupações. Antes de entrar, soltei Fred e acariciei sua cabeça, enquanto se lambia e me olhava todo feliz.

- Fique aqui, garoto.

Ele latiu, como a confirmar que ficaria. Sorri para ele. Então, deixei-o e fui ver minha irmã.

Era cedo ainda e ela dormia, muito quieta no quarto que dividia com uma moça que tentara se matar também, mas se recuperava bem mais rápido. Ela estava com a mãe e cumprimentei as duas. Depois, inclinei-me sobre Elisa, beijei sua bochecha e a fitei, cheio de amor, cheio de saudade da sua companhia e do seu sorriso.

Como continuou imóvel, fui acrescentar as novas flores ao grande jarro sobre a mesa, com as azaleias do dia anterior. Então, voltei, sentei na poltrona ao seu lado e segurei sua mão, esperando que acordasse, rezando silenciosamente para que daquela vez estivesse melhor.

A outra moça do quarto e a mãe puxaram assunto comigo. Conversei com elas. Mas o tempo todo atento em minha irmã.

Quando finalmente acordou e me viu, começou a chorar e só falou no namorado que a deixara, querendo saber notícias dele, se ainda estava com sua amiga. Eu não sabia. Tentei confortá-la, fiz o possível e o impossível, falei do Sítio, dos seus amigos, dos empregados que sempre perguntavam por ela. Falei de Fred, convidei-a para andar no jardim. Mas nada a animou.

Saí de lá arrasado, perdido, cansado. Pedi para falar com a psiquiatra chefe da clínica e fui encaminhado à sala dela. Doutora Rose me recebeu com a simpatia de sempre e viu como eu estava triste e desanimado. Sentamos em volta de sua mesa e indaguei:

- O que posso fazer para que minha irmã se recupere, doutora?

- Marcelo, apenas o que faz sempre. Não a abandona, tem paciência e a enche de carinho e amor. – Fitou-me, bondosa. – Elisa precisa querer melhorar. Estamos trabalhando nisso, tanto com

terapia como com medicamentos. Mas a depressão não se cura de uma hora para outra. É um processo lento.

- Tenho medo que ela nunca mais melhore.

- Vai melhorar sim. Essa é a primeira fase.

Ela continuou a explicar como era o tratamento. Eu ouvia, calado. Mas nada do que disse afastou de dentro de mim aquela sensação de inutilidade, aquele cansaço que me envolvia cada vez mais. Sentia-me muito sozinho, pesado, sem saída. Já tinha perdido meus pais. Não queria perder também minha irmã.

Conversamos e, sem ter mais o que fazer, saí de lá sabendo que teria que ser paciente e continuar tentando fazer Elisa acreditar que a vida estava ali para ser vivida, que não podia fugir a cada vez que se deparava com um problema.

Atravessei o corredor, concentrado em meus pensamentos e preocupações. Ia voltar ao sítio e trabalhar, para tentar esquecer o que eu não podia mudar e a solidão cada vez maior. Só assim para também não ficar deprimido.

Ao chegar à grande varanda da clínica, olhei em volta e Fred não estava ali. Desci os degraus buscando-o e então o vi. Parei, observando ao longe.

Uma moça com longos cabelos castanhos, até quase a cintura, estava sentada a um banco, sob uma árvore. Apesar do dia lindo, com sol brilhante, ela usava casaco, calça e se escondia toda. Havia algo de contido em sua postura, de um pouco daquela solidão que eu sentia. Rompida apenas por Fred, que se colava às pernas dela e apreciava os carinhos que fazia nele, lambendo-se feliz da vida, fitando-a como se estivesse apaixonado.

Ela retribuía aquele olhar, parecendo também apaixonada.

Admirei os dois, sabendo como Fred era carinhoso, como conquistava todos à sua volta. Havia um ar de encanto na moça.

Olhei-a melhor, percebendo o quanto era jovem e bonita. Não devia ter mais que 18 anos. Indaguei a mim mesmo como podia ter tentado se matar, já que a clínica era para recuperar pessoas que tentaram suicídio. Era como Elisa. Uma moça cheia de vida, jovem, bela. Mas desperdiçando a vida, como se esta não valesse nada. Como se não houvesse uma pessoa que as amava e sofria.

Isso me fez encher de raiva. Quis sacudi-la e sacudir minha irmã, dizer o quanto eram egoístas, fazê-las ver que havia muito mais vida além daquele mundinho delas. Furioso, cerrei os punhos e mantive-me imóvel, lutando com minha irritação, querendo apenas sumir dali.

De repente, Fred sentiu minha presença. Ergueu as orelhas e me buscou com o olhar, animando-se todo ao se deparar comigo. Sua reação fez a moça enrijecer e soltá-lo, virando o rosto para mim, seus olhos encontrando os meus, sua expressão de susto e uma espécie de medo.

Por um momento, só nos olhamos, a distância não parecendo nada.

Não pude ver a cor dos seus olhos, mas me dei conta de algo. Não eram tristes e melancólicos como de Elisa. Eram atentos, assustados, alertas. Havia algo como pânico, que a imobilizou.

Fred veio correndo para mim, latindo, todo alegre. Mas não consegui parar de encarar a moça, sério, firme.

Não sei o que houve, o que viu em mim que a deixou nervosa. Ergueu-se de repente e, como se fugisse de algo que a amedrontava, deu-me as costas e caminhou rapidamente para longe, esgueirando-se entre as árvores, seus cabelos sedosos esvoaçando atrás dela.

Tive vontade de ir atrás dela e nem entendi o motivo. Fred se esfregou animado entre minhas pernas, chamando minha atenção, saltitando. Continuei imóvel, até que não a via mais.

Saí daquela espécie de transe, sem conseguir parar de pensar o quanto era linda e ao mesmo tempo aterrorizada. Soltei o ar dos pulmões, suspirei. Então, voltei a atenção para Fred e coloquei a coleira nele, acariciando-o, dizendo baixo:

- Agora sei por que não me espera mais no jardim. Arrumou uma nova amiga.

Ele balançou o rabo, olhando-me.

Naquele momento, alguém parou ao nosso lado e ergui os olhos. Uma mulher linda, alta e morena, com longos cabelos cacheados, sorriu para mim.

- Oi, como vai? – Estendeu-me a mão. – Lembra de mim?

- Lembro. – Acenei com a cabeça e apertei sua mão com firmeza. Já a tinha visto ali algumas vezes e fui apresentado a ela. Era namorada ou esposa do dono da clínica, não sabia bem. Tentei recordar seu nome, mas ela mesma informou:

- Lara Avellar.

- Marcelo Maia. – Soltei sua mão, achando que diria algo sobre minha irmã. Mas ela me surpreendeu.

- Marcelo, eu gostaria de agradecer. – Ainda sorrindo, com algo iluminando suas feições, ela se abaixou e acariciou Fred, que na mesma hora se ofereceu todo.

- Agradecer? – Não entendi.

- Seu amigo aqui ... Qual o nome dele?

- Fred.

- Então, o Fred fez um milagre hoje. Estou aqui radiante! Sem acreditar no que acabei de ver. – Ergueu os olhos castanhos claros e redondos para mim, emocionada, explicando enquanto abraçava Fred: - Ele fez Letícia deixar de lado seu pavor ao toque. É a primeira vez que vejo isso. Não sabe como é maravilhoso, como ...

Calou-se, como se sua voz embargasse.

Letícia. Só podia ser a moça que acabei de ver.

Lara se ergueu, respirando fundo, sorrindo.

- Você sempre o traz aqui?

- Sim.

- Por favor, não deixe de fazer isso. Fred conseguiu o que estamos tentando há meses. Nunca vi Letícia mais feliz e à vontade. Ele pode ser o caminho mais rápido para ajudá-la. Nem sei como posso agradecer a você e a ele.

- Não fiz nada. – Pensei na moça linda e jovem, isolada, sem poder encostar nas pessoas. Minha agonia aumentou, assim como o cansaço que pesava em meus ombros. Lancei um olhar a Fred, acalmando-me um pouco mais. – Ele que é especial.

- Você o trouxe. Se puder continuar vindo com ele, vou agradecer demais! Tenho que contar para Rose. Talvez aí esteja uma maneira de ajudar Letícia. – Estava feliz, seus olhos brilhando. – Posso contar com isso?

- Pode. Eu vou continuar trazendo o Fred aqui.

- Obrigada. E como está sua irmã?

- Indo. – Foi tudo o que falei.

Lara foi carinhosa, pareceu perceber como eu me sentia, conversou comigo, tentou me encher de esperanças. Falei com ela, tentei acreditar, mas não consegui.

Eu só queria ser forte de novo e me livrar daquela tristeza. Mas como, se o estado da minha irmã mal me deixava dormir? Se eu via outras pessoas como ela e até piores, como aquela menina solitária e avessa ao toque? Onde a felicidade e a esperança haviam se escondido?

Despedi-me de Lara e voltei para casa.

Sozinho.

CAPÍTULO 3

"O caráter de um homem é formado pelas pessoas que escolheu para conviver."

—Sigmund Freud

MARCELO

Parecia que todos os problemas tinham resolvido acontecer juntos naquela semana. Nada vinha para aliviar a tensão que crescia dentro de mim, apenas para piorar. Mas eu não xinguei como eu queria, não desanimei, não abandonei tudo. Ao contrário, me desdobrei para resolver cada questão que aparecia, trabalhei como um condenado, dei o meu sangue.

O Sítio Primavera, em Pedrosa, era diferente de muitos outros. Enquanto naquela parte de Minas Gerais o principal mercado era de gado de corte e leiteiro, o nosso era voltado para a plantação de flores de corte, para comercialização principalmente em floriculturas. Além de nossa casa branca com janelas e portas de madeira pintadas de azul, as terras se estendiam em fileiras coloridas e separadas de vários tipos de rosa, crisântemo, cravo, áster, gladiolo, azaleia, dracena e alguns tipos de folhagens e mudas para jardim.

Talvez não fosse tão lucrativo como a criação de gado, mas eu via um futuro brilhante naquela área. Por isso me dedicava tanto, me doava por inteiro ao trabalho. E, apesar de oferecer flores em todas as estações e meses do ano, em algumas datas o consumo era mais acentuado, como naquele início de junho, devido ao Dia dos Namorados. Era um dos meses em que eu mais trabalhava. Para meu azar, também comecei o mês com mais preocupações.

Como se não bastasse estar arrasado com a situação de Elisa e sozinho para resolver tudo, uma praga foi descoberta em parte das plantações de roseiras e algumas não foram possíveis salvar. Perdi quase um quarto da produção e, junto com vários trabalhadores do sítio, conseguimos erradicar a praga, não sem antes suar e nos matar por dois dias seguidos. Boa parte de tudo aquilo já tinha sido encomendado pelas floriculturas e eu sabia que, com a perda de

parte da produção, ia ter que tentar substituir as encomendas de rosas por outras flores, com descontos, prejuízos e talvez a perda de algum cliente insatisfeito.

Mas não foi apenas isso. O maior caminhão que eu tinha para transporte escolheu aquela quarta-feira para pifar. Chamei um mecânico correndo, mas era necessário encomendar peças importadas e somente no sábado poderia ser consertado. Eu tive que me virar com o outro caminhão que tinha, mais velho e menor, fazendo várias viagens, colocando minha caminhonete e a do meu capataz no trabalho, para não deixar as entregas atrasarem.

Acho que mal tive tempo de comer e dormir naquela semana. E para coroar tudo, uma virose andava pela região, causando vômitos, febre e diarreia. Cinco empregados do sítio foram afetados e ficaram dois dias sem ir trabalhar. Eu me desdobrei no campo para suprir a falta deles, ofereci hora extra para quem ficasse além do horário. Como era um patrão justo e eles viam minha situação, nenhum deles se recusou. E, como eu, se esforçaram para dar conta do trabalho.

No final da sexta-feira, eu estava morto. Muito bronzado, com a barba grande, suado, voltei do campo só pensando em banho e cama, em morrer para o mundo depois de uma semana estressante e difícil como aquela. A noite já tinha caído e, ao entrar no grande cômodo ao lado da casa, em que guardava ferramentas, o pequeno caminhão, mudas e uma infinidade de coisas, eu larguei minhas coisas em um canto e abri a camisa, tirando-a.

Meus músculos reclamaram, doloridos, endurecidos. Passei a camisa na testa, enxugando o suor, suspirando ao me dar conta que, ao menos, tinha conseguido driblar todos os problemas e terminar a semana com menos prejuízo do que pensei. Caminhei até um tanque largo e ali lavei minhas mãos e meu rosto, deixando a água escorrer por minha pele quente, só pensando em ir para a casa silenciosa. Descansar. Apagar. Era só isso que eu precisava.

Estava mesmo distraído ou cansado demais, pois não percebi que alguém havia entrado ali. Enrijeci quando fui abraçado por trás e mãos macias, bem cuidadas, envolveram minha cintura. Na mesma hora a voz feminina, conhecida, murmurou:

- Já disse como me deixa louca quando fica com esse jeans baixo e sem camisa?

Mantive-me quieto, sem me mover. Sabrina. Minha ex-namorada, a que sempre reclamou de falta de tempo e atenção, filha única de um poderoso fazendeiro de Pedrosa. Rica, mimada, que havia me perseguido desde que me viu em uma feira agropecuária ali perto.

- Estava com saudades, Marcelo. – Não se importou com meu suor, com o meu estado após um dia de trabalho duro. Ao contrário, esfregou o rosto em minhas costas, pareceu aspirar meu cheiro. Suas mãos subiram pelos músculos do meu peito. Sussurrou: - Sentiu minha falta?

Eu mal tinha pensado nela naquelas duas semanas em que estávamos separados. Com tanta coisa para me preocupar, saudade não fez parte do pacote. Não respondi. Fiz outra pergunta:

- O que está fazendo aqui, Sabrina?

Larguei a camisa úmida dentro do tanque. Não me virei. Fechei a bica, a água ainda escorrendo por minha barba e peito, pela barriga, até o cós do jeans. Apoiei as mãos na pia, atento a ela, sentindo meu corpo reagir. Apesar de toda exaustão, sempre tínhamos nos dado bem na cama. E, desde que nos separamos, não transei mais com ninguém.

- Eu esperei você me procurar. – Colou-se em mim por trás, esguia, alta, seu perfume doce chegando até mim. Seus dedos pareciam ansiosos percorrendo minha pele, descendo até o botão da calça, algo como necessidade em sua voz: - E não aguentei mais esperar, Marcelo. Sabe que sou louca por você.

Suspirei, entre excitado e meio irritado. Sabia que nossa relação sempre foi complicada. Sabrina era rica, mimada, acostumada a ter tudo à sua maneira. Estudava, mas não sabia o que era trabalho. Por isso vivia reclamando do tempo que eu dedicava ao Sítio, como se não tivesse obrigações. Tinha chegado ao ponto de falar com o pai dela e o homem havia feito uma proposta de sociedade ali, com investimentos. Segundo ela, teria mais tempo e ficaria mais rico.

O que ela não entendia era que aquele sítio era familiar. Era a única herança que tínhamos do nosso pai e nossa sobrevivência. A sociedade significaria perder a autonomia, obedecer a outra pessoa, ver mudanças ali que eu não queria. Quando recusei, Sabrina ficou furiosa. E brigamos feio, cada vez mais. Até a separação.

- Não devia ter vindo. – Falei seco, embora sentisse o pau reagir, crescendo, endurecendo. Sexo era a única coisa que tínhamos sem briga, sem desavença. Mas de resto, eu sabia que seria em vão insistir naquele relacionamento.

- Não acredito que não senti minha falta. Nem disso ... – Seus dedos desfizeram o botão do jeans e desceram o zíper lentamente. Fiquei quieto, dividido entre o desejo que despertava em meu corpo e a certeza de que não queria mais me envolver com ela. Já tinha perturbações demais em minha cabeça. Mas ficou difícil pensar quando Sabrina escorregou a calça para baixo, com a cueca, até os quadris.

Gemeu rouca ao fechar as mãos em volta do meu pau já totalmente duro, inchado. Fechei os olhos, cerrando o maxilar, me dando conta de como meu corpo precisava de um alívio, de alguma forma de prazer. Nem aquilo eu tinha me permitido aquele tempo todo.

- Ah, como pode dizer que eu não deveria estar aqui? Olha como você me deixa... – Passou a me masturbar e a se esfregar atrás de mim, excitada. – Você é tão gostoso, Marcelo ... Tão grande e duro ... Oh ...

Minha respiração se tornou mais agitada. Meu coração acelerou violentamente.

Virei de repente, baixando a cabeça para fitar os olhos escuros dela, sem que soltasse meu pau. Estava recostado no tanque e fui recebido por sua expressão apaixonada, linda como sempre em sua pele impecável e seu vestido de princesa. Olhou para minha boca, desceu por meu peito, fixou onde me masturbava, sem um pinga de asco por meu suor ou a poeira que me cobria. Na cama, ela não tinha nojo de nada. Quanto mais pornográfico e sujo eu fosse, mais ela gostava e gozava.

Lambeu os lábios e soube que queria me chupar. Adorava ficar com meu pau na boca, sempre dava um jeito de pagar um boquete. E, agora, olhando-a, sendo tocado por ela, eu só podia pensar naquilo.

- Chupe o meu pau. – Falei baixo, autoritário.

- Com prazer ... – E sem se importar com o chão de cimento cru, com tanta coisa espalhada por ali e uma pequena poça aos meus pés, caiu de joelhos, seu rodado vestido amarelo claro espalhando-se em volta dela, sujando-se na barra. Já enfiava meu pau na boca e chupava alucinada, fora de si, faminta.

Gemi, excitado demais. Mas não toquei nela. Segurei a beira do tanque, recostado, meu ventre contraído, meus olhos ferozes enquanto a via mover a cabeça para frente e para trás, seu rabo de cavalo balançando, seus lábios e língua me deixando doido ao me sugar para o fundo da garganta, fazendo sons deliciados.

Deixou-me a ponto de gozar. Quase ejaculei em sua boca. Sabia que engoliria tudo e pediria por mais. No entanto, fazia parte de mim sempre esperar a parceira ter prazer primeiro. Nunca fui egoísta naquele quesito.

Agarrei seu cabelo e a puxei, obrigando-a a me soltar e se erguer, lambendo os lábios vermelhos, suas unhas resvalando em minha barriga e meu peito. Apontei para sua bolsa pequena e delicada, atravessada em seu peito.

- Tem camisinha aí?

- Sim. – Apressadamente, abriu-a, mostrando-me um pacote completo. Largou a bolsa no chão.

Deixei as camisinhas sobre a bancada ao lado do tanque, sem soltar seu cabelo. Fazendo-a soltar um gritinho, ergui-a do chão de uma vez e virei, acomodando-a sentada sobre a beira do tanque molhada, minha outra mão já abrindo suas pernas.

- Ah, que saudade disso ... – Murmurou, ensandecida, fora de si, quando arranquei sua calcinha e a joguei longe. Tentou me segurar, me fazer penetrá-la, mas eu queria mais. Queria seu cheiro sempre perfumado, seu gosto picante, sua essência de fêmea excitada.

Ergui a saia de seu vestido até a cintura, agarrei sua bunda, trouxe-a toda aberta para frente. Rosnei ao enfiar a língua bem no meio da boceta rosada, limpinha, cheirosa. E a comi com vontade, minha boca devassando-a, chupando-a bruto como sabia que gostava.

- Marcelo ... – Estremeceu fora de si, agarrou-se em meus cabelos desgovernados, abriu-se ao máximo, uma de suas pernas indo para meu ombro. Encostou-se na bica e abriu-a sem querer, espalhando água para todo lado, molhando sua roupa e a mim enquanto gritava assustada e tentava fechar.

Não a soltei um segundo sequer. Com o rosto enfiado entre suas coxas, abocanhei a bocetinha toda e a levei a loucura, gemendo e se contorcendo, implorando por mais, toda molhada, minha língua penetrando-a bem no meio, tomando o que me dava, sugando-a esfomeado.

- Assim eu não aguento ... Ah ... – E começou a gozar, forte e enlouquecida, arquejando, delirando, ondulando.

Chupei-a até seus últimos espasmos. Somente então me ergui, agarrando um preservativo, colocando em meu pau.

Sabrina me abraçou, ainda aberta, oferecida, gemendo. Mordeu meu peito, murmurou:

- Adoro seu cheiro de macho ... sua pegada bruta ... Marcelo, adoro tudo em você ... tudo ...

Eu a olhei, carregado, cheio de tesão, indo em pé entre suas pernas esguias. Segurava-se em mim, fora de si, seus olhos me consumindo, certo desespero em suas feições.

- O que fez comigo? – Murmurou, meio agoniada, gritando quando meti meu pau firme e grosso dentro dela, abrindo-a, esticando-a, toda molhadinha e palpitante. Agarrou meu rosto, olhou em meus olhos e depois em minha boca, enquanto eu a segurava e penetrava firme, duro, em estocadas fundas. – Nenhum homem me deixa assim ... só você ... Oh ...

Entrei nela com tudo. Quando veio me beijar, saqueei sua boca e meti a língua ali até ouvir seus gemidos e tomá-la toda, profundamente. Sabina se sacudiu, implorou contra meus lábios, se deu com sofreguidão e desespero.

Tudo se concentrou dentro de mim naquele momento. O medo que eu sentia de perder minha irmã, as preocupações e problemas do sítio, as responsabilidades em meus ombros. A tensão das últimas semanas se avolumou e extravasou quando eu a senti gozar de novo e ejaculei, gozando também, beijando-a, comendo-a, apertando-a contra mim. O alívio varreu meu corpo, algo me fez abrandar, acalmar, me dar, como se uma pressão fosse finalmente afrouxada em minha alma.

Foi um orgasmo poderoso, longo, duro. Agarrei sua bunda nua, firmei os dedos entre ela, forcei apenas a ponta em seu ânus, enquanto a devorava com meu pau e não conseguia parar, necessitado, envolvido, perdido em um prazer fenomenal, que eu precisava mais do que tudo.

Quando acabou, respirei pesadamente, permaneci dentro dela, nossos lábios colados, nossa respiração se misturando. Sabrina murmurou:

- Eu te amo, Marcelo. Senti muita saudade.

Não falei nada, esperando meu corpo se abrandar. Mas ela exigiu, baixinho:

- Diga pra mim ... Diga que sentiu minha falta.

Seria mentira. Mal pensei nela. O que tinha com Sabrina era uma atração poderosa. Fora isso, mais nada em comum. Seu jeito afetado de filhinha de papai, seu pensamento voltado para luxo e dinheiro, o modo como a vi se desfazer de outras pessoas, tudo isso me afastou dela. Não tínhamos nada em comum.

Abri os olhos a afastei o rosto o suficiente para olhá-la, sem querer mentir. Mas foi insistente:

- Você me ama?

- Não.

Ficou imobilizada. Saí devagar de dentro dela. Fiz menção de soltá-la, mas me agarrou forte, seu rosto transtornado, a voz raivosa:

- É mentira sua. Sei que me ama!

- Sabrina ...

- Você não quer admitir! É um cabeça dura, com esse seu orgulho idiota de não aceitar ajuda de ninguém! Marcelo, escute ... –

Suas mãos foram em meu cabelo, havia algo de desesperado em seu olhar. – Meu pai pode fazer toda a diferença. Ele sabe que eu te amo. Pode fazer esse sítio dar muito dinheiro, pode te ajudar e ...

- Não quero nada do seu pai. – Disse com firmeza, segurando suas mãos para tirá-las de mim, mas Sabrina entranhou mais os dedos em meu cabelo, recusando-se a me soltar.

- Pare de ser orgulhoso! Podemos nos casar e então ...

- Sabrina, me solta. – Olhei bem dentro de seus olhos. – Não vou casar com você.

- Mas ... – Parecia procurar uma saída para minhas palavras. – Sei que somos novos, temos só 22 anos, mas isso não importa. Olha pra mim, Marcelo. Adora fazer amor comigo. E faço tudo por você! Tudo! Se pensar bem ...

Eu fui para trás, obriguei-a a me largar, segurei seus pulsos e descii seus braços. Afastei-me o suficiente para tirar o preservativo cheio e jogá-lo em uma lixeira, erguendo minha cueca e calça, fechando-a. Sabrina pulou da beira do tanque, veio rápida até mim, agarrando meu braço, procurando meus olhos em um misto de raiva e desespero.

- Eu sou rica! Sou linda! O que mais pode querer? Hein, Marcelo?

- Você é tudo isso, Sabrina. – Não me desviei do seu olhar ou do seu toque. Falei com firmeza, sem piscar. – Mas não temos nada em comum e não amo você. Não vou me casar com você.

Ela empalideceu. Ergueu o queixo, seus olhos queimando. Soltou-me, mas permaneceu perto, dizendo raivosa:

- Seu burro! Prefere ficar nesse sítio ridículo, trabalhando como condenado, cuidando daquela sua irmã louca e mimada, que nem pensou em você ao tentar se matar. Quer viver na merda? Então, viva! Se ferre!

- A minha vida aqui e a minha irmã não são da sua conta. – A raiva também já borbulhava dentro de mim. – Melhor você ir embora e não voltar mais.

- Vou mesmo! – Andou para trás, tremendo, vermelha. Apontou o dedo para mim, ameaçadora. – Mas escute bem. Vai ouvir falar de mim. Parece que esqueceu quem é meu pai. Depois não

reclame se seus negócios derem errado. Foi se meter com a pessoa errada!

- Faça o que achar melhor. – Olhei-a com frieza. – Se acha que vou ficar com medo das ameaças de uma garota mimada, esqueça. Agora, pegue sua calcinha do chão e saia daqui. Não volte mais, Sabrina.

Ela arfou, furiosa, seus olhos como punhais. Abaixou-se, catou sua calcinha e a bolsa que tinha ficado no chão. Marchou para a saída, dizendo antes de sair, cheia de veneno:

- Vai ouvir falar de mim. E se arrepender disso. Ainda vou ter você aos meus pés, suplicando.

Eu a olhei sair.

O alívio momentâneo que senti ao gozar tinha sumido. E o cansaço de volta. Só me faltava aquela, uma mulher mal amada e vingativa para se somar a todos os meus problemas.

Passsei a mão pelo cabelo e saí, caminhando em direção a casa, não querendo me preocupar com aquilo. Eu lidaria com Sabrina quando chegasse a hora. Por que de uma coisa eu tinha certeza, ela faria de tudo para atazanar a minha vida.

CAPÍTULO 4

"Quando a dor de não estar vivendo for maior que o medo da mudança, a pessoa muda."

—Sigmund Freud

LETÍCIA

No sábado de manhã, eu estava sentada em meu banco, sob a árvore. Esperando.

Tinha passado a semana toda assim, aguardando aquele momento. Em que veria o rapaz alto e moreno se aproximar com sua cara séria, suas flores e Fred. Meu novo amigo. Aquele de quem eu estava morrendo de saudades. Não via a hora de sentir seu calor junto a mim e poder enfiar os dedos em seus pelos, com o peso de sua cabeça contra meus joelhos.

Mais tarde minha tia viria me ver e, apesar de gostar dela, saber que se preocupava comigo, não ficava ansiosa esperando sua visita, como ficava aguardando Fred. E também ver o rapaz com as flores.

Estremeci ao pensar nele. Não conseguia esquecer seus olhos escuros e penetrantes em mim, no último domingo, quando me pegou em flagrante com seu cachorro. Parecia bravo, testa franzida, uma postura de raiva. Assustei-me tanto que só pensei em fugir, voltar a ser invisível, escapar daquele olhar e daquela atenção. Durante a semana, revi aquilo inúmeras vezes, sem entender o que ele tinha que havia mexido tanto comigo.

Agora, estava nervosa. Não sabia se ainda lembraria de mim, se traria Fred de novo. Pensei em nem sair do meu quarto, tão agitada fiquei. Mas a saudade que sentia de Fred e a vontade sem explicação de ver aquele homem, de saber o que ele faria, foi mais forte. E lá estava eu, sentada em meu banco, torcendo ansiosamente as mãos em meu colo. Não tinha nem conseguido tomar o café da manhã direito.

Então, eu o vi. Vinha caminhando pelo gramado e na mesma hora meu olhar o consumiu. Usava jeans surrado, uma simples blusa de malha branca que marcava os ombros largos e o peito

musculoso. Era magro, mas forte. Seus cabelos eram cheios, castanhos, com cachos desgovernados, combinando com a barba escura. Trazia um buquê de flores brancas e exuberantes, com caules longos. E na outra mão, a coleira de Fred, que caminhava todo feliz ao lado dele.

Meu coração bateu forte. Um calor estranho, desconhecido, se instalou dentro de mim. Não entendi aquela sensação prazerosa, aquela coisa sem explicação. Disse a mim mesma que devia ser por Fred, pela saudade que causava em mim. Mas não consegui parar de olhar para o rapaz, acompanhando cada passo seu, uma parte da minha mente solta, sem controle, engolindo sua beleza, notando pequenos detalhes.

Pensei comigo mesma que uma pessoa que trazia sempre flores tão lindas, que nunca faltava às visitas matinais fins de semana e que cuidava tão bem do seu cachorro, não podia ser má. E era aquilo que talvez me chamasse atenção nele. Uma bondade, uma integridade que o marcava, mesmo sendo algo que parecia se chocar com sua aparência máscula. Eu não gostava de olhar para homens. Eles, mais do que tudo, me assustavam, despertavam lembranças e sensações esquecidas de dor, do que eu queria sufocar. Mas não ele.

Meus olhos o engoliam, enquanto chegava perto dos degraus da varanda, naquele seu ritual de soltar Fred, acariciá-lo, dizer algo a ele. Observei, esperando. E não me decepcionou.

Inclinou-se, acariciou Fred, soltou a coleira. Então, disse algo, que fez o cachorro sacudir-se, todo feliz. Com os olhos fixos em seu rosto, vi seu sorriso lento. Vi o modo terno com que tocava o animal, a confiança verdadeira entre ambos. Satisfeito, ajeitou a postura. Mas não entrou, como fazia sempre. Virou o rosto e olhou fixamente para mim, como se soubesse o tempo todo que eu estava ali.

Fiquei imobilizada sob o seu olhar, paralisada. Primeiro, gelei por dentro. Meu coração pareceu parar de bater. Então, um calor absurdo me consumiu como labaredas e meu coração bateu com violência contra as costelas, tão forte que eu o ouvi. Pensei em fugir, mas não consegui nem respirar, presa naqueles olhos escuros, cuja a distância não diminuía em nada a intensidade.

Com uma parte minha, notei Fred vir correndo em minha direção e latir ao chegar perto. Quis olhá-lo, mas não pude fazer isso. Só ficar naquela ligação mais forte do que tudo.

Fred esfregou a cabeça em meu joelho, todo feliz, sentando-se aos meus pés, pedindo atenção. O rapaz via, observava tudo. Temi sua reação. Fiquei tão nervosa que meus olhos se encheram de lágrimas.

E então, ele sorriu. De longe, segurando suas flores e a coleira, olhando para mim. Ele apenas sorriu. Desestabilizou-me completamente. Fez algo se desmanchar dentro de mim. E enquanto o olhava perdida, confusa, deu-me as costas, subiu os degraus e entrou na casa.

Soltei o ar, arquejei. Perplexa, olhei para Fred e encontrei seus felizes olhos aveludados, lambendo-se a espera do seu carinho. Ergui a mão, minha mente ainda preenchida por aquele sorriso. Acaricieei a pelagem macia, recebi uma lambida no braço, mordi os lábios. O que tinha sido aquilo?

A sensação que tive foi de que ele sabia que eu estaria ali. Como sabia que Fred correria para mim. Esperou para ver. E deixou claro que não se importava, que aprovava minha amizade com seu cachorro. Por isso sorriu. Como a garantir para mim que confiava que eu cuidaria dele.

- Fred ... – Murmurei, sem entender por que aquilo mexeu tanto comigo.

Eu tremia ao me inclinar mais para Fred e me arriscar em carícias mais longas, em um quase abraço, emocionada. Sentia-me como um bebê, descobrindo coisas novas, que nunca pensei que existissem. Que me abalavam, tiravam meu chão.

O tempo todo que fiquei ali com Fred, eu não o soltei. Como não parei de olhar para a porta, ansiosa, esperando o rapaz de cabelos cacheados sair. Almejando aquilo nervosamente, sem poder me controlar. Parecia ter perdido algo quando ele entrou naquela casa. Algo que eu queria entender, segurar, analisar. Mas que me escapava por entre os dedos.

Fred cochilava aos meus pés e eu estava inclinada para frente, quase deitada sobre meus joelhos, dedos mergulhados na

pelagem dourada, olhos fixos na varanda. Então, ajeitei-me, erguendo o tronco, meu coração voltando a disparar fortemente quando o vi aparecer ali.

Observei-o descer os degraus e na mesma hora vi a mudança em sua postura. Seus ombros pareciam desanimados, sua cabeça baixa, a expressão séria. Mesmo de longe, senti sua dor. Foi tão forte, tão potente, que latejou dentro de mim. Sua aparência era de alguém que tinha acabado de receber uma notícia horrível. E tive medo que, a pessoa que ele vinha visitar, tivesse piorado. Ou morrido.

Quem seria? Uma mulher, com certeza, para merecer suas flores. Sua mãe? Parente? Namorada? Com certeza, alguém muito importante. Lamentei por ele. Enchi-me de pena. Abri a boca, como a dizer algo. Mas o quê?

Senti uma vontade absurda de ajudá-lo, mas logo me dei conta do ridículo da situação. Eu não dava conta nem de mim mesma. E não o conhecia.

- Fred ... – Chamei baixinho. – Ele chegou. Precisa de você.

O cachorro ergueu a cabeça, preguiçoso. Mas algo o alertou que seu dono estava de volta, talvez o cheiro dele. Na mesma hora se levantou, alerta, olhando para o rapaz. Como eu fazia.

Fred saiu correndo para ele. Tinha parado perto da casa e olhava para mim, daquela maneira penetrante de antes, mas sem o sorriso.

Não consegui me mover de novo. Senti que algo mais nos ligava e entendi que talvez fosse a dor. Mas não durou. Fred chegou perto dele, pulando, latindo.

O rapaz desviou o olhar, parecendo cansado. Mesmo assim, acariciou Fred antes de colocar a coleira nele, dizendo algo que animou mais o cachorro. Não olhou de novo para mim. Afastou-se sem suas flores e sem seu sorriso. Quietamente, olhando para frente, como se mil coisas perturbassem seus pensamentos.

Eu os olhei até sumirem de vista.

E nunca me senti tão sozinha como naquele momento.

Não consegui dormir direito de sábado para domingo. Tinha recebido a visita de minha tia e de Lara. Conversei com elas, tentei

ser participativa. Mas o tempo todo eu fiquei com aquele rapaz na cabeça. Seu sorriso e sua tristeza. Foi mais forte do que eu. Foi além do que eu podia controlar.

Em algum momento em que eu conversava com Lara, ela perguntou sobre Fred. Olhei-a, atenta. E acabei explicando:

- Ele vem todos os fins de semana, com um rapaz.

- Sim, eu sei. – Ela sorriu.

Era o mais perto de uma amiga que eu tinha. Fazia trabalho voluntário na clínica e sempre aparecia lá fim de semana, com seu namorado, que era dono da clínica. Pedro Falcão. Eu sabia que ela tinha tido seus próprios traumas do passado e os via refletidos em mim, tentava me ajudar. Mas não chegávamos a falar claramente sobre tudo. Desde que saí da catatonia, eu me recusava a enfrentar meu problema de frente. E ela respeitava.

- Marcelo. – Sua voz invadiu minha mente.

- O quê?

- O nome do rapaz, é Marcelo.

Marcelo. Na mesma hora, eu o vi com clareza em meus pensamentos. E repeti silenciosamente seu nome. Marcelo. Marcelo.

Foi como se chegasse mais perto de mim, se tornasse mais íntimo. Me invadissem mais, sem que eu pudesse fazer nada além de deixar.

Mordi o lábio inferior, encontrei o olhar de Lara, tive coragem de perguntar:

- Quem ele vem visitar?

- Sua irmã, Elisa. Ela tem vinte e um anos, um ano mais nova que ele. Está em depressão e tentou se matar ao perder um namorado. – Lara suspirou, sacudindo a cabeça. – Muito triste.

- Sim.

- Eles perderam os pais um tempo atrás e só tem um ao outro. Nunca vi um rapaz tão responsável, Letícia. Toma conta de tudo, das plantações de flores que ficou para eles, da irmã. Está arrasado com o estado dela. E sem saber mais o que fazer para ajudar.

Lembrei de seu aspecto ao sair da clínica, desanimado, triste. Comovida, perguntei:

- Ela piorou?

- Está se recusando a comer, a reagir. Rose disse que ontem chorou demais e pediu a ele para que a deixasse morrer. Imagino como Marcelo não ficou.

Meu peito se apertou mais, doeu. Calei-me, mas queria perguntar muito mais. Queria saber dele, como uma necessidade. E aquilo me assustou, pois não entendia o que era. Por isso, não disse mais nada sobre ele. Mas não o esqueci. Naquela noite, rolei de um lado para outro, vendo seu sorriso e seu olhar.

Acordei muito cedo, nem tinha clareado ainda. Tão logo foi permitido descer, tomei meu café às pressas e saí, encolhida em meu casaco de linha preto, com minhas calças largas. Não estava exatamente frio, só com a brisa da manhã. Mas eu não ficava à vontade com meu corpo, nem com as minhas cicatrizes. Eu evitava ao máximo olhar para mim mesma.

Sentei no banco. E fiquei lá, vendo a manhã, observando como aos poucos as pessoas saíam, as terapias se davam perto dali.

Foi como me manter em suspenso, ansiosa, alerta. Muda e parada, apenas esperando eles chegarem. E não me decepcionaram.

Vi Marcelo se aproximar com uma infinidade de rosas coloridas, usando uma blusa azul, seu cabelo como sempre rebelde, de um castanho que brilhava sob o sol. Fred caminhava animado ao lado dele.

Tudo dentro de mim acendeu. Meu ventre se retorceu de puro nervosismo, meu coração disparou, minha respiração ficou entrecortada. Mordi os lábios, olhos fixos neles. Nele. Marcelo.

Estava muito sério, preocupado. Fez o percurso como das outras vezes, mas agora não era mais um estranho para mim. Eu era amiga de seu cachorro. Eu sabia seu nome e sobre sua irmã. Sabia que era sozinho e responsável. E que não desistia da irmã. Eu o admirava em silêncio, cada vez mais ligada nele.

Esperei que me olhasse, como na manhã anterior. Perdi o ar, nervosa demais. Vi que acarinhava e soltava Fred. E por uma fração de segundos quase morri ao imaginar que entraria sem se dar conta de mim ali. Mas então, ergueu a cabeça e seu olhar encontrou o meu, a metros de distância. Estremeci por dentro. Fervi. Renasci.

Foi como se algo falasse entre nós, em uma língua estrangeira, mas mesmo assim clara demais. Eu fui uma pessoa diferente ali, desconhecida até para mim mesma. Com emoções que nunca soube existirem, que me tomavam por inteira, engolindo-me.

E mesmo sabendo que ele não estava feliz, sorriu para mim. E me encheu de calor, de esperança, de tanta coisa que só pude deixar que cada sentimento me enchesse, silenciosamente.

Fred veio correndo para mim, exigiu atenção, latiu. E só então, como se visse que estávamos juntos, Marcelo virou e me deixou.

Fechei os olhos, golpeada, sacudida. Abracei Fred e apenas lembrei daquele olhar, daquele sorriso, não querendo pensar em mais nada. Rebobinei em minha mente, várias vezes, incansavelmente, me alimentando daquilo. Não lembrei de ter me sentido antes tão feliz.

Falei baixinho com Fred, brinquei com ele, acariciei-o. E esperei pacientemente o momento de ver Marcelo novamente. Cada vez mais ansiosa. E com uma euforia que eu não podia controlar.

Ele demorou demais daquela vez. Fiquei preocupada, nervosa, meus olhos fitos na varanda. Fred tinha pegado no sono e nem se dava conta da minha ansiedade.

Passei o olhar em volta, pelos campos a se perderem de vista, pelas árvores espalhadas. Já ia voltar a fixar a varanda, quando um vulto azul chamou minha atenção. Perplexa, vi que era Marcelo, saindo pelos fundos da clínica, de costas para mim, afastando-se em direção a algumas árvores ao longe.

Surpresa, não desgrudei os olhos dele. Senti que algo estava errado. Ele fazia algo totalmente diferente de sempre. E sua postura denunciava certo desespero, pelo modo como seguia rápido, passando a mão pelo cabelo.

Ergui-me, muito preocupada. Fiquei sem saber o que fazer, só conseguindo acompanhá-lo com o olhar, temendo por ele. Até que ficou longe e foi para detrás de um das árvores enormes, escorregando para o chão, sentando-se e encostando-se nela, de costas para mim. Pude ver parte de sua perna, do seu braço, da sua

cabeça baixa. E aquilo me apavorou, me fez sangrar com o significado puro de sofrimento.

Não pensei. Eu só andei, sem querer tendo um vislumbre de mim mesma entrando em um quarto, tão desesperada e dilacerada, tão cansada de sofrer que só pensava em morrer. Tentei afastar o começo de lembrança, que se embaralhou com meu medo que, por algum motivo, Marcelo desistisse também. E eu não queria aquilo para ele.

Caminhei rápido, atravessando o gramado com meu coração apertado, sem ver nada a minha frente além daquelas partes dele, além da sua cabeça baixa e as mãos que ele levava ao rosto. Não havia mais ninguém ali. E quanto mais perto eu chegava, mas eu notava outras coisas. O tremor de seus ombros, um som baixo e abafado.

Quase chorei. E fui até ele, disposta a tudo. Esqueci de mim mesma. Eu só via Marcelo pela frente. E me enchia de pena, de desespero por ele, de vontade de tirar a sua dor. Eu, que sempre fui vista com pena pelos outros, que estava ali para ser cuidada e curada, agora sentia um desespero para cuidar de alguém. Os papéis de invertiam. Mas eu não me importava. Era mais forte do que eu.

CAPÍTULO 5

Estar apaixonado é estar mais próximo da insanidade do que da razão.”
—Sigmund Freud

MARCELO

Era o meu limite.

Suportei a dor da morte dos meus pais sem chorar, sendo forte por que era o único a ter que tomar conta de tudo. Engoli meu sofrimento quando Elisa tentou se matar. Trabalhei, lutei, não desanimei. Embora por vezes tudo parecesse duro demais para suportar sozinho. Eu me mantive firme. Até aquela manhã de domingo.

No sábado já tinha saído de lá após presenciar uma recaída da minha irmã e saber que não queria comer. Ela me suplicou para morrer, depois me xingou por tê-la salvado. Foi agressiva, furiosa, fora de si. Precisou ser medicada e contida para se acalmar. E agora, ao chegar ali, era tudo infinitamente maior do que pensei.

Elisa estava muito quieta, pálida, abatida. Ainda não queria comer e acabou passando mal, cuspiu até sangue. Exames foram feitos e o médico descobriu algo que só agravava a situação toda. Talvez por ter ingerido tantos remédios em sua tentativa de suicídio, ou por ter ficado sem comer, talvez até o sistema nervoso abalado. Descobriu-se que estava com uma úlcera grave no estômago e precisaria operar. Tudo estava sendo preparado para que fosse transferida para um hospital. Pela aparência dela e a expressão dos médicos, eu soube que era muito grave.

A hemorragia tinha sido contida e ela dormia. A ambulância estava a caminho. E a mim não restava fazer nada a não ser aceitar aquela nova rasteira da vida.

Quis gritar, socar, esbravejar. Mas acabei a ponto de chorar.

Precisava de um tempo só meu. Por isso saí da clínica pelos fundos e caminhei para o mais distante possível, sozinho como vinha me sentindo há muito tempo. Não aguentei mais ser forte. Caí sentado atrás de uma árvore, enfiei o rosto nas mãos e chorei.

Chorei por tudo que eu não tinha chorado, pela família que perdi, pela única pessoa que eu ainda tinha e poderia ser tirada de mim. Eu não sabia mais lidar com aquilo. Suportaria a dor. Mas não naquele momento. Ali, eu só me entreguei a ela.

Meus ombros sacudiram, soluços escaparam, senti as lágrimas entre os dedos. Imagens dos meus pais vieram em minha mente, de nossos jantares sempre juntos, dos sorrisos da minha mãe, do companheirismo do meu pai, de Elisa protegida entre nós. Tudo perdido, arrancado da minha vida, tirado sem que eu esperasse. E quando achei que poderia suportar, aguentar, vinham aqueles golpes com minha irmã. E eu inútil, sem poder fazer nada. Por mais que me esforçasse, não conseguia mudar a situação.

Nunca me senti tão arrasado. A dor vinha como ondas e me devorava vivo, me partia ao meio, rasgava como em carne viva. Não podia perder Elisa. Ia ser duro demais para suportar. Ia além de qualquer controle. E por tudo isso eu me perdia, eu me dava ao sofrimento, cansado de lutar.

Foi então que algo inesperado aconteceu. Senti dedos se infiltrando em meus cabelos, tocando-os com delicadeza, o que me paralisou. Havia alguém ajoelhado ao meu lado, que chegou tão suavemente que nem senti. Mas agora eu podia perceber a presença, sentir o toque, ouvir a respiração levemente alterada.

Abri os olhos. Deixei as mãos escorregarem para baixo. E olhei para um par de olhos verdes, como se fossem águas vivas, transparentes, intensos.

Não me movi. Os dedos pararam subitamente entre meus cachos, sua respiração se agitou, arregalou mais os olhos, sem piscar. Parecia surpresa por estar ali, mas não mais que eu. E, por um momento, esqueci tudo. Só consegui me concentrar naqueles olhos, muito mais lindos e reluzentes de perto, um mar verde no rostinho delicado, perdidos nos meus.

Lembrei de seu olhar de longe, sempre assustado. De Lara dizendo que ela não suportava tocar em ninguém. Mas estava ali, perto, tocando em mim. Olhando para mim. E me vendo de uma maneira que nunca me mostrei a ninguém. No momento em que eu mais precisava.

Não dissemos nada. Não me movi, não a assustei. Estava cansado demais, surpreso demais. Por fim, apenas fechei os olhos, me deixei ficar ali, cativo, cuidado, amparado. E então senti seus dedos se moverem de novo, trêmulos de início, percorrendo meu cabelo. Encostei a cabeça na árvore e ela me acariciou, bem devagar, silenciosa, sua respiração deslizando suave perto do meu rosto.

Foi a coisa mais extraordinária que me aconteceu na vida.

Não chorei mais. Era como se ela me desse forças, me fizesse aceitar o inevitável, me acalmasse. Ela me curava. Relaxei, seus dedos indo entre meus cachos, como se descobrisse um mundo ali, se arriscasse, se embrenhasse no desconhecido. Como eu.

Quando tudo parecia tão certo, tão natural, eu abri meus olhos novamente. Fitei aquelas águas vivas, percebi que em nenhum momento ela tinha parado de me encarar, como se esperasse me olhar de novo bem fundo, até minha alma.

Não sei o que me deu. Só comecei a falar:

- Minha irmã vai ser levada para o hospital e passar por uma cirurgia de risco no estômago. Não quero perdê-la.

Seus dedos pararam em meu cabelo. Como se, por fim, se desse conta do que havia feito, suas bochechas tingiram-se, muito coradas. E afastou a mão de mim. Quase gemi em um lamento e segurei seus dedos, mas me contive a tempo, com medo de assustá-la. Não se afastou mais do que isso. Nem tirou os olhos dos meus. Pela primeira vez, ouvi sua voz. Baixinha, suave, terna:

- Não vai perdê-la.

Eu acreditei. Parecia loucura, mas me sentia mais forte, mas determinado em lutar, em não permitir que desânimo nenhum me derrotasse.

- Obrigado. – Falei baixo, mergulhado em seu olhar.

- Eu não ...

- Por cuidar de Fred e não deixá-lo sozinho. Por cuidar agora de mim e não me deixar sozinho.

Seu queixo tremeu. Vi como uma infinidade de sentimentos a atacava, como parecia ainda sem entender o que a levava até ali. Seus olhos percorreram meu rosto, como se estivesse impressionada

com a pele molhada de lágrimas. Quando encarou meus olhos de novo, murmurei:

- Não sou fraco. Só estou cansado. Muito cansado.
- Eu sei. – Sussurrou.

Acenei para ela, atento, encantado com sua beleza, com sua fragilidade e, mesmo assim, com sua coragem em estar ali, preocupada comigo. Agradei de novo:

- Obrigada, Letícia.

Dizer seu nome a surpreendeu. Ergueu-se de repente, meio assustada, recuando um passo para trás. Levantei com cuidado, sem ser brusco, sem perder seu olhar.

- Sabe quem sou?
- Eu escutei alguém dizer.
- Quem? – Olhou-me, desconfiada.
- Fred? – Ergui uma sobrancelha e sorri devagar.

Ela arregalou os olhos. Então, parte de sua defesa caiu com a brincadeira.

Lambeu os lábios, sem saber ao certo como agir, parecendo a ponto de sair correndo. Falei baixinho:

- Posso te pedir um favor?

Seu olhar era nervoso e mesmo assim não parecia poder se afastar de mim. Acenou com a cabeça, mas ansiosa, preocupada.

- Vou com minha irmã, na ambulância, até o hospital em que vai ficar internada. Posso deixar Fred aqui com você? Volto logo para buscá-lo, prometo.

Seu olhar suavizou.

- Eu cuido dele. – Garantiu, baixinho.
- Obrigado.

Fitei-a ali, coberta por tanta roupa, seus cabelos até quase a cintura, frágil e pálida, tão linda que parecia um ser etéreo, de outro mundo. E meu coração bateu descompassado, cada parte do meu corpo se conectou a ela, senti coisas que nunca julguei possível. Eu me perdi em seus olhos. Quis saber mais do que seu nome. Quis ficar ali, apenas perto dela, sentir de novo seus dedos em meus cabelos.

Letícia piscou, nervosa, como se sentisse o mesmo e ainda não entendesse.

Não quis que saísse correndo. Nem perder aquilo que havia se estabelecido entre nós. Por isso, falei apenas:

- Vamos?

Não dissemos mais nada. Caminhamos lado a lado até o casarão da clínica, conscientes demais um do outro.

Quando chegamos lá, lançou-me um olhar nervoso, afastou-se um pouco mais, disse baixinho:

- Vai dar tudo certo.

E então ia em direção a seu banco e a Fred, que despertava de seu sono ali perto.

Eu a olhei. E ali soube que Letícia seria importante demais para minha vida.

De alguma forma, ela já era.

CAPÍTULO 6

"Como fica forte uma pessoa quando está segura de ser amada!"

—Sigmund Freud

LETÍCIA

Passei aquele domingo em um emaranhado confuso e entorpecedor de emoções. Marcelo em nenhum momento saiu de dentro de mim. Eu via seus olhos castanhos com lágrimas, sentia seus cabelos macios em meus dedos, seu cheiro em minhas narinas. Seu sorriso deixava minhas pernas bambas. Sua pele, sua barba, seus traços, tudo me dominava como se nada mais existisse no mundo.

Fiquei preocupada com ele e sua irmã, angustiada com medo que ela morresse, que o deixasse sozinho. Ao mesmo tempo, cuidava de Fred, pedia água e comida na cozinha, deixava-o o mais confortável possível. Doutora Rose viu como eu cuidava dele e se aproximou, conversando, conseguindo me distrair, me fazer falar. Perguntei sobre a irmã de Marcelo e não explicou muito, só que seria operada logo.

Foi um dia diferente de todos os outros. Fred foi minha companhia e me vi em vários momentos abraçada a ele, sem saber se o confortava ou queria ser confortada. E nem por um segundo parei de pensar em Marcelo.

Ele só voltou no final da tarde, abatido, parecendo cansado. Ergui-me com o coração aos pulos enquanto caminhava até mim e Fred corria para ele, feliz da vida. Olhei enquanto se ajoelhava, abraçava o cachorro, dizia algo a ele. Depois se erguia, colocava-o na coleira e terminava de se aproximar de mim, parando a uma distância segura. Não consegui escapar de seus olhos escuros.

- Como ela está? – Consegui perguntar, embora temerosa.

- Bem, dentro do possível. Sob controle. Vai ser operada amanhã bem cedo.

Sua voz era grossa, forte, marcante. Como ele. Apesar da juventude, era um homem formado.

Passeou o olhar em meu rosto e senti como se suavizava, como o cansaço parecia dar uma trégua a ele. Indagou baixo:

- Fred deu trabalho?

- Nenhum.

- Obrigado, Letícia. Acho que palavras não vão ser o suficiente para expressar o que você fez por mim hoje.

Engoli em seco, abalada, perdida, tocada. Nós nos fitamos apenas, calados, sentindo um ao outro. Até que baixei os olhos, trêmula, sem entender o que era tudo aquilo.

- Preciso ir. Tenho que deixar um mundo de coisas adiantadas no sítio para poder estar no hospital amanhã.

Acenei com a cabeça, criei coragem e o encarei de novo. Murmurei:

- Você me dá notícias dela?

- Dou.

Novamente aquela necessidade de ficarmos mergulhados nos olhos um do outro. Fred latiu e pareceu alertar Marcelo. Ele sorriu para mim. Disse baixo:

- Cuide-se.

Senti o peito apertar, em uma espécie de despedida.

Tem nunca mais vê-lo.

Quando Marcelo me deu um último olhar profundo e acenou, se virando, algo me doeu por dentro. Fitei-o se afastar, olhei os cachos de seus cabelos, seus ombros largos, Fred. E quase chorei, por que achei que era a última vez que poria os olhos neles. Fiquei lá, até não restar mais nada ali para olhar.

Somente então entrei no casarão, estranhamente sem vida.

Naquela noite, quase não dormi. Pensei nele o tempo todo. Senti falta dele e de Fred. E me dei conta que seria uma semana difícil, sem a espera dos fins de semana sabendo que os veria. Agora sua irmã não estava mais ali. Era o fim.

Na segunda, passei um dia triste, calada. Nada me animou. Eu me fechei em mim mesma. Só queria ficar em paz com meus pensamentos, lembrando e relembando cada toque, cada palavra, cada olhar. Não conseguia compreender o que havia acontecido comigo, como tive coragem de me aproximar e tocar em Marcelo.

Primeiro tinha sido Fred. Ele tinha me desnortado com sua aproximação, despertado em mim um lado que nem sabia existir. O que eu conhecia era uma aversão ao toque, um medo de contato, uma sensação de ameaça. Embora as lembranças não viessem todas, eu reconhecia as agressões que sofri e via a todos como potenciais agressores.

Quando toquei em Fred, quando o deixei se aproximar, eu abri algo em mim mesma, um precedente. Confiei nele, sem entender por que. Somente soube que não me faria mal. Talvez pelo fato de ser um animal e manso.

Mas Marcelo ...

Ele era um homem. Era forte, másculo, com voz possante. Tinha tudo para ser ameaçador para mim, para me assustar. Por que isso não aconteceu? É claro que os medos dentro de mim não tinham desaparecido. Eu estava alerta. O que não conseguia entender era por que fui até ele e acariciei seus cabelos. Meu Deus era uma loucura! Totalmente além do que pensei fazer.

Teria sido o fato de ver, durante aquelas semanas, o quanto ele cuidava bem de Fred e era carinhoso? As flores que sempre trazia? A noção de que amava a irmã, tinha perdido os pais e sofria por ela? Tudo aquilo o tornou uma vítima sob meus olhos? Uma vítima como eu?

Não sabia. Não entendia. Só sentia que precisava ficar perto dele, saber dele. Era mais forte que eu. Como uma compulsão a ocupar todos os meus pensamentos e vontades, todo meu ser.

Na terça, estava sozinha sentada no jardim, olhando para o nada, quando Rose se aproximou e sentou-se ao meu lado.

- Tudo bem, Letícia?

- Sim.

- Não esqueceu de nossa sessão mais tarde, não é?

- Não esqueci.

Rose vinha fazendo um tratamento comigo que chamava de Reprogramação. Não era nada mais que abordar algumas lembranças que eu tinha da minha infância, até os sete anos. Nunca forçava nada. Ajudava-me a recordar pequenas coisas, como minha comida preferida, os animais de estimação que tive, coisas que

gostava, amiguinhas da escola, roupas preferidas. Eram momentos que eu gostava, sempre traziam lembranças de minha mãe, dos seus carinhos comigo.

Evitava sempre falar do meu pai. Eu não conseguia pensar direito nele e, quando o fazia, começava a ter crises de pânico. Assim, aquilo era deixado de lado. Mas ela já havia me explicado algumas coisas.

O tratamento consistia em três fases: Reprogramação, confronto e compreensão. Era como se me ajudasse a fortalecer meu subconsciente com coisas boas, abrir portas, expor saídas. Para então me ajudar a enfrentar o medo, meus fantasmas, tudo que passei e que deixaram marcas em meu corpo e em minha alma, que me fizeram tentar morrer e agora causavam aquela amnésia.

Eu não queria pensar naquilo. Queria continuar no conforto do esquecimento, na proteção da clínica, fora do mundo externo, do que eu tinha vislumbres ocasionais e me aterrorizava tanto. Por isso não planejava nada para mais à frente. Eu ia até onde dava e me fechava quando a dor vinha forte demais. Era minha maneira de sobreviver. Só não sabia até quando.

- Certo, mais tarde teremos nossa sessão. Mas não vim aqui só para isso. Vim dar um recado pra você, Letícia.

Eu a olhei. E meu coração acelerou, quando explicou:

- Marcelo ligou. Elisa foi operada e passa bem. Não era tão sério como os médicos pensavam e ela não corre risco de vida. Ele pediu que eu falasse isso para você. E que avisasse que ele e Fred também estão bem.

Contive o ar, abalada, emocionada, tocada. Marcelo tinha lembrado de mim.

Rose me olhava, com um sorriso bondoso nos lábios.

Baixei os olhos, sem querer que visse como aquilo mexeu comigo, como me deixou com a sensação de que, de alguma maneira, eu era importante para Marcelo.

Para me dar privacidade, despediu-se dizendo que precisava ver outros pacientes e me deixou com aquela alegria e aquela esperança, que eram tão novas, tão maravilhosamente embriagantes. E foi naquilo que me agarrei o resto da semana, me

recusando a ficar triste, pensando o tempo todo em Fred e, principalmente, em Marcelo.

Esperei sábado chegar, com uma certeza silenciosa de que os veria de novo. Ansiosa, acordei cedo, otimista, esperando-os no jardim.

A manhã seguiu e eles não vieram. Lara apareceu, almoçou comigo, mas apenas remexi na comida, decepcionada. Tentei conversar, garanti que estava tudo bem, mas fiquei arrasada o resto da tarde, até ver que eles não apareceriam mais. Talvez nunca mais. E, entre tantas perdas que tive, aquela doeu demais. Além do que eu poderia esperar.

Tomei banho e fiquei no quarto pequeno, só meu. Minha tia trazia objetos para mim, livros, presentes. Estavam por lá, tirando a informalidade do lugar. Mas, ainda assim, era um quarto de uma clínica. E eu sabia que não era de uma pessoa normal. Eu tinha problemas psiquiátricos, traumas, uma infinidade de coisas a resolver. Como pude imaginar, mesmo por um instante, que Marcelo poderia se preocupar comigo e querer minha companhia? De uma louca avessa a toques, com amnésia e o corpo marcado por cicatrizes? De alguém que se recusava a olhar dentro de si mesma, que ficava com um medo constante que as recordações voltassem e a dilacerassem de uma vez?

Tive raiva de mim mesma, da minha anormalidade. Andei pelo quarto como um animal enjaulado. Imaginei a vida que ele levaria além dos jardins da clínica, trabalhando, tendo amigos e namoradas, sendo normal. Vivendo. E eu ali, presa entre quatro paredes e pior, presa dentro de mim mesma.

Quase chorei, sem compreender desejos e sensações tão intensas, aquela certeza de que perdi algo importante demais. Que meus dias seriam novamente sem vida, sem esperar os sábados e domingos para me sentir diferente e viva.

Já estava escuro e ouvi barulhos lá fora, sob minha janela. Talvez fosse impressão minha, fruto daquela obsessão que não tirava a imagem de Marcelo da minha cabeça, mas jurei ouvir o timbre da voz dele ao longe.

Meu coração saltou como um louco. Não parei para pensar, corri até a janela aberta, mas coberta de grades. Espiei para fora. E mais a frente, perto da entrada da clínica, vi uma ambulância e uma maca sendo tirada de lá, com uma pessoa em cima. Mas o que vi mesmo, onde meus olhos se fixaram, foi no homem alto de costas para mim, que ajudava os enfermeiros na locomoção do doente.

Não precisei ver seu rosto. Seu cabelo, sua altura, o formato de seus ombros e do seu corpo já eram conhecidos para mim, gravados em minha memória. Era Marcelo. Ele estava de volta.

Perdi o ar, só para recuperá-lo em uma arfada que trouxe calor e vida para dentro de mim, junto com um mundo de esperanças. Minhas pernas tremeram e me segurei nas grades, fraca de alívio, com uma vontade de chorar que não pude controlar. E somente quando ele entrou na clínica, acompanhando a irmã na maca, eu fechei os olhos e sorri.

Marcelo estava de volta.

No domingo, bem cedo eu já estava sentada em meu banco. Nervosa, agitada, em uma expectativa que deixava minha barriga gelada e o resto do meu corpo ardendo.

Então, eu o vi.

Vinha pelo mesmo caminho de sempre, segurando a coleira de Fred, tantas flores nos braços que quase escondia seu rosto. Mas eu o vi.

Vi seus cabelos, seus traços, sua expressão serena. Vi seu corpo alto no jeans e na blusa cinza. E seus passos seguros, de alguém que sabe seu lugar no mundo, que vive, que segue sempre em frente. Eu o admirei e invejei. Senti saudades e uma alegria inexplicável. Reagi de tantas maneiras por dentro, que quem me olhasse por fora, ali imóvel, jamais imaginaria.

Daquela vez, Marcelo não seguiu em frente. Ele me viu logo. Senti o exato momento em que seus olhos bateram nos meus, pois tudo foi mais intenso, mais perturbador. E veio na minha direção, trazendo Fred.

Perdi o ar. Não pude evitar a gama de sentimentos, o nervosismo absurdo. Tive medo, muito medo. Mas além disso, uma vontade estonteante de vê-lo de perto, de estar com ele, de viver

aquilo que eu não entendia, mas era tão poderoso que me tomava por inteiro. Esperei, como uma morta que espera um milagre, a vida chegar, o renascer. Sem compreender, mas sem poder evitar. Ansiando.

Fred correu para mim e se esfregou em meus joelhos, saudoso. Também senti saudades e na mesma hora o acariciei. Mas meus olhos continuaram em Marcelo, parando a alguns passos de mim, seus olhos nos meus, suaves, escuros, perturbadores. E quando ele sorriu, foi como me desmanchar no chão, mole e lânguida, feliz como não pensei ser possível.

- Oi, Letícia.

Sua voz fez tremer meus terminais nervosos. Lutei por algum controle. Acenei a cabeça. Consegui dizer:

- Oi. Como está sua irmã?

- Bem. Elisa se recuperou rápido e voltou para cá ontem, para continuar o tratamento psiquiátrico. – Seus olhos baixaram para minha mão afagando Fred, algo doce ali, quase desejoso. Senti nas pontas dos dedos a sensação de ter seus cabelos entre eles e preendi o ar, ansiando por aquilo de novo. Quando me olhou de novo, fui eu a desviar o olhar, com medo que visse meus anseios, as coisas inexplicáveis que me fazia sentir. – Mas acabei acreditando em um velho ditado: “Há males que vem para o bem”.

- Por quê? – Olhei-o de novo, sem aguentar ficar muito tempo longe de sua aparência e essência. Era tão bonito ... tão bonito ...

- O susto em ter que operar às pressas teve um efeito diferente em Elisa. De alguma maneira, ela sentiu que poderia morrer mesmo. Achei que se entregaria a isso, era meu medo. Mas acabou se dando conta que não queria morrer. Ela se assustou, Letícia. E me disse que quer ficar boa. Que vai lutar por isso.

Senti a emoção em sua voz. E o alívio. A dor que vi nele antes, seu desespero, tinham sido vencidos. Marcelo tinha esperanças.

- Isso é muito bom. – Murmurei.

- É. Queria voltar para casa. Mas acho que ainda precisa de tratamento. Prefiro que fique aqui até se sentir realmente forte.

Acenei com a cabeça, fitando Fred. Senti-me egoísta e má, pois aquilo me fez pensar que o teria mais tempo ali.

- Eu trouxe para você.

Sua voz me fez olhá-lo de imediato. Fiquei imobilizada ao ver o belo buquê de uma infinidade de tipos de flores, de cores exuberantes, misturadas em uma explosão de alegria e de beleza. Mantinha um outro buquê para si, apenas de pequenas flores lilás, aquelas para dar à irmã.

- Não sabia quais eram suas preferidas, assim misturei tudo: rosa, áster, gladiolo, crisântemo, primavera e azaleia.

Não podia acreditar. Arfei e mordi o lábio, com medo de chorar. Olhei para as flores maravilhosas estendidas para mim e para seus olhos, fixos nos meus. Sorriu e tudo explodiu em meu interior. Fiquei estonteada, maravilhada, emocionada, feliz. Ergui as mãos e segurei o buquê, abraçando-o contra meu peito, deixando as flores perto do meu rosto, embriagada pelo perfume delicioso delas.

Fiquei olhando-as, ainda sem poder acreditar que eram para mim. Não pude fitar Marcelo naquele momento em que tantas emoções me golpeavam, quando eu lutava para que lágrimas não escorressem dos meus olhos. Algo tinha começado a se entranhar em mim desde a primeira vez em que o vi chegar com suas flores e seu cachorro. E agora aquilo crescia, se expandia, me tomava toda, além do que eu pudesse controlar.

Quando o olhei de novo, Marcelo me fitava como se me admirasse, seus olhos parecendo mais escuros, mais penetrantes. Meu coração acelerou demais. Tive um misto de medo e de felicidade, de exultação e lamento. Quis muito estar em outro lugar, ser outra pessoa. Desejei coisas inimagináveis. Tornei-me uma mulher diferente, com almejos novos, com expectativas de um mundo além do que eu tinha.

- Obrigada. – Murmurei, sem poder dizer mais nada, tentando apenas guardar tudo aquilo dentro de mim.

- Não precisa agradecer. – Seu sorriso aumentou, apreciando o modo como eu agarrava as flores contra o peito e, com a outra mão, voltava a acariciar a cabeça de Fred em meus joelhos. – Vou ver a minha irmã. Fred pode ficar aqui?

- Sim.

Olhou-me mais uma vez. Então, se foi, com suas flores.

Eu o observei, fixamente. Apertei mais as flores em um abraço, sem acreditar que eram minhas, que Marcelo tinha se preocupado em pegá-las para mim. Pensando em mim.

Ele entrou no casarão. E eu fiquei lá, arrebatada, tão fora de órbita que era como se flutuasse, mergulhada no desconhecido das emoções puras e atordoantes que me fez sentir.

Então, fechei os olhos, respirei fundo, tomei todo aquele perfume para mim.

Mesmo sem querer, comecei a sonhar.

Com Marcelo.

CAPÍTULO 7

"Todo prazer é erótico."
— Sigmund Freud

MARCELO

Foi como se um peso fosse tirado das minhas costas.

Elisa se recuperava, tanto da cirurgia quanto da depressão. Agora havia um fator a favor dela: seu desejo de melhorar, de se curar. Sua vontade de viver. E isso me enchia de esperanças de dias melhores.

Os problemas no sítio também tinham dado uma trégua e naquela semana trabalhei exaustivamente fazendo as entregas em floriculturas, mercados e feiras para o Dia dos Namorados. Felizmente consegui cumprir com todos os meus compromissos. Mas nem me senti cansado. Era diferente quando a alma estava mais leve, quando o desespero não toldava as emoções.

Na sexta-feira à noite, eu estava deitado em minha cama, sozinho na penumbra, usando apenas uma cueca, a janela aberta jogando uma brisa suave para dentro do quarto. Perdido em meus pensamentos. Uns olhos verdes claros dominando todos eles.

Não conseguia entender por que Letícia esteve tão presente dentro de mim naqueles dias. Mas era assim. Eu pensava nela sem poder me conter, sentindo coisas diferentes, um misto de atração, carinho, curiosidade e algo mais forte, premente.

Era uma loucura. Tudo que eu queria na minha vida era normalidade, segurança, fortaleza. Era ver minha irmã bem e seguir em frente, com um descanso de tanta tragédia. Letícia era o oposto do que eu queria. Era uma interna da clínica, uma moça que havia tentado suicídio, que não tolerava toques, que me mostrava nos menores gestos um mundo de complicações. Havia muito mais sobre ela que eu não sabia, mas via em seus olhos perturbadores. Um mundo de traumas e dores, de coisas que eu nem sonhava como lidar. E, mesmo assim, ela não saía da minha mente. Ela me tomava sem que eu entendesse como.

Não conseguia esquecer a maneira que olhava para mim. O modo como rompeu seus medos para se aproximar e me consolar, no momento em que mais precisei. O modo como seus olhos me engoliam e me temiam, mas também me desejavam. Talvez nem ela se desse conta que se mostrava tanto. E o que me fazia sentir.

Mas era muita confusão. Eu temia ir além do que poderia, me envolver com ela, não saber lidar com sua situação. E magoá-la em todo processo. Só queria paz em minha vida. Logo Elisa estaria de alta, voltando para casa. E eu não faria mais visitas à clínica. Não podia gerar expectativas em Letícia e depois abandoná-la. O problema era minha vontade de vê-la cada vez mais, de entendê-la e estar em sua companhia. Era isso que me preocupava.

No sábado, fiquei na dúvida se levava flores para ela ou não. Achei que seria melhor não acostamá-la com algo, com um carinho e uma atenção que depois eu retiraria. Mas enquanto escolhia as flores para Elisa, eu só conseguia pensar na imagem linda de Letícia abraçada ao seu buquê, maravilhada. E não resisti. Peguei apenas rosas para elas, amarelas, lindas, desabrochando. E me dirigi para a clínica feliz, ansioso para vê-la. Dizendo a mim mesmo que não daria esperanças vãs a ela, eram apenas um agrado. O problema era eu mesmo, querendo acreditar em algo que tinha tudo para dar errado.

Quando cheguei lá, eu a vi de imediato, no banco sob a árvore, seus cabelos longos e castanhos claros espalhados como um manto por seus ombros, até a cintura, seus olhos já nos meus, como se só esperassem eu fazer a curva, vindo do estacionamento, para me ver.

Senti um baque por dentro. Fui envolvido por sua beleza e fragilidade, pelo desejo absurdo de ir até ela, de saber se seus cabelos eram tão sedosos como pareciam, como a sua pele translúcida seria sentida sob meus dedos. Foi intenso e profundo. Mas não puro. Passou disso. Eu a admirei como um homem admira uma mulher, com meu corpo e meus sentimentos, com vontade de ter tudo dela.

Pensei em Sabrina, em como sempre nos demos bem na cama, como despertava meus instintos de macho. Mas nunca senti

por ela aquela coisa poderosa que me consumia ali, aquela vontade de ter Letícia comigo, contra mim, acariciando-me novamente.

Aproximei-me dela, nós dois nos fitando praticamente sem piscar, tão ligados um ao outro que todo o resto perdia a importância. Perdi minha decisão de me manter distante dela, pois a necessidade de estar perto, de conhecê-la, de enfrentar o mundo e todos os obstáculos era mais forte, pungente, devoradora. Eu quis saber de seus traumas e seus amores, suas dores e esperanças, seus sonhos e desejos. E aquilo me preocupou, mas também me deu forças para ir além. Sem vontade de recuar, de fugir.

Fred correu para ela e vi como o segurou e acariciou, seu rosto se iluminando, tantos sentimentos extravasando. Mas o tempo todo concentrada em mim, daquele jeito profundo e perturbador. Seus olhos eram cristalinos e reluziram ainda mais quando lhe estendi as rosas, dizendo baixinho:

- Gosta de rosas amarelas?

- Sim. São ... lindas. Mas não precisava ... não precisava se preocupar comigo.

Apesar de suas palavras tímidas, abraçou o buquê, olhando-o maravilhada, se inebriando com a beleza e o perfume, puramente feliz.

- Se gostou, valeu a pena. – Sorri para ela. – Vou ver como minha irmã está.

- Tá. – Baixou os olhos, mas não antes que eu sentisse que já lamentava minha ida.

Fiquei indeciso, pois também não queria ir. Por isso mesmo, dei uns passos para longe dela. E não disse mais nada. Só me afastei.

Elisa estava bem melhor e só falava em voltar para casa, alegre por que a psiquiatra tinha dito que a achava pronta para ter alta, ainda naquela semana. Nós comemoramos juntos. Mas, enquanto a abraçava, eu pensava que seria meu fim definitivo com Letícia.

Quando chegou a hora de ir embora, despedi-me da minha irmã e voltei ao jardim. Fiquei impressionado ao me deparar com os

olhos de Letícia em mim, como só me esperasse aparecer. Fred dormia profundamente, enrodilhado aos pés dela.

Aproximei-me cheio de sentimentos se digladiando dentro de mim.

Não falamos nada. Eu apenas sentei no banco, na ponta para não assustá-la, percebendo que ainda estava abraçada a suas rosas. Virei o rosto e fitei seus olhos. Ficamos assim, calados, apenas nos olhando.

Eu não era muito de filosofar sobre a vida. Muito jovem tive que assumir responsabilidades e isso me tornou mais duro e direto nas coisas, mas decidido. Fazia minhas escolhas e seguia nelas, tentando ser o mais justo e honesto possível.

Como vinha pensando a semana toda, sabia que tinha que me afastar de Letícia e logo. Ainda mais agora, com a alta da minha irmã. Mas eu não queria. Nunca me senti tão bem em um lugar, em uma presença, como ali naquele momento, fitando aqueles olhos de água marinha, imaginando como seria me embrenhar cada vez mais neles e em seus segredos.

Abri a boca e falei baixo:

- Semana que vem Elisa terá alta.

Letícia piscou e não foi rápida o suficiente para disfarçar certo choque. Baixou o olhar e sua tristeza foi quase palpável. Tocou-me vivamente. E eu entendi por que.

- Eu ... fico feliz.

- Eu também. Você vai sentir falta de Fred?

Não respondeu. Olhou para o outro lado, como se não quisesse que eu visse seu rosto. Fitei seus cabelos, meus dedos comicharam para tocá-los.

- Vou. – Murmurou.

- E de mim?

Não sei o que me deu para perguntar aquilo. Tive vontade de me xingar.

Percebi que estremeceu. E como se não bastasse querer tudo que eu não devia, eu fiz mais. Eu fui contra todas as minhas convicções e me arrisquei no desconhecido.

Ergui a mão. Suavemente, segurei uma mecha do seu cabelo comprido, que deslizou como seda entre meus dedos. Não fui brusco, não a toquei além disso. Mas foi o suficiente para fazê-la se virar para mim, com olhos arregalados, respiração suspensa, como se não acreditasse no que eu fazia. Pensei que correria. Mas ficou lá, fitando meus olhos.

Ali Letícia me ganhou de vez, me fez sentir como um garoto apaixonado. Mesmo com cada parte dela me dizendo que temia aquele singelo toque, ela ficou e, mais uma vez, confiou em mim. Seu desejo de ficar foi mais forte que o de fugir. Assim como o meu. Não queria me afastar dela. Era um risco enorme, mas não poderia dar as costas a tudo aquilo.

- Mesmo quando Elisa tiver alta, eu virei aqui com Fred. Para ver você, Letícia.

Ela mordeu os lábios. Não se conteve, seus olhos encheram-se de lágrimas. Seu medo foi além de seus traumas. E confessou parte deles em um murmúrio:

- Eu não valho a pena.

Mantive a mecha macia entre meus dedos, apenas deslizando-os bem lentamente. E meus olhos nos dela, tocado, emocionado.

- Vale muito mais do que pensa.

A tristeza a tornava mais frágil. E em mais uma demonstração de confiança, confessou:

- Não sei quem sou. Não lembro de muita coisa. Tentei me matar. Tenho marcas de agressão no corpo, feias, doloridas. Não suporto ser tocada. Não confio em ninguém. – Engoliu em seco. – Não sirvo para nada, Marcelo.

Doeu dentro de mim saber tudo aquilo, os sofrimentos por que passara para chegar aquele ponto. Ergui um pouco mais sua mecha e mostrei a ela, dizendo baixinho:

- Você está me deixando te tocar. E tocou em mim. Lembra? O resto, vemos com o tempo. Mesmo que não saiba, Letícia, você confia em mim. E eu, em você.

- Não, eu não ... – Calou-se, abraçando mais forte seu buquê, seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas. – Siga sua vida.

Por favor.

- Vou seguir. Vindo aqui. Junto com você.

A certeza em minha voz, a decisão em meu olhar, o carinho em meus gestos. Não sei o que a convenceu. Talvez apenas sua coragem, sua decisão de enfrentar o medo e as sombras que todos nós temos, mas que nela eram muito mais fortes. Talvez estivesse apenas cansada de se esconder.

Eu soube que era um risco grande. Mas mesmo assim, segui. Estendi minha mão para mais perto de seu rosto, bem devagar. Vi o início de um pânico em seus olhos arregalados, que me deixou arrasado. Não parei. Lentamente, acariciei mais do seu cabelo, sem tirar os olhos dos dela um segundo sequer.

Sentimentos fortes e poderosos me envolveram. Um calor gostoso me percorreu. E avançando só um pouco mais, acariciei suavemente sua face, quase como se roçasse uma pétala de rosa ali, naquela pele tão incrivelmente macia.

Letícia estremeceu violentamente. Mordeu os lábios. Lágrimas inundaram seus olhos, escorreram por seu rosto. Murmurei baixinho, comovido:

- Não tenha medo de mim.

E fiquei lá, olhando-a, acarinhando sua face, seu cabelo, sem ir além disso, conquistando-a aos poucos. Soube que seria lento. Que a dor dela era maior do que eu poderia imaginar. Que talvez eu não estivesse preparado para tudo aquilo. Dúvidas me assaltavam, mas nada, nada, foi mais forte do que todos aqueles sentimentos que despertava em mim, na vontade absurda de ver aquele medo sumir, no desejo de substituir suas lágrimas por um sorriso.

Então, entendi o que nunca tinha vivido e sentido antes e que tornava Letícia tão especial e inevitável para mim. Eu estava apaixonado por ela.

- Sabe que dia é hoje? – Perguntei roucamente.

Ela me olhava, perdida, se dando, com medo, mas com os mesmos sentimentos que despertava em mim e que se espelhavam em sua expressão.

- Não ... – Murmurou.

- Dia dos Namorados.

Não falei mais nada e nem ela.

Não foi preciso.

Quando moveu o rosto suavemente contra minha mão grande, como se permitisse o carinho e o desejasse, quando me olhou suplicante, eu soube que não havia mais escapatória para nós. E em vez de temer o futuro, eu o recebi de braços abertos. Sorri, mais feliz do que julguei ficar um dia, apaixonado, esperançoso.

Quis muito me aproximar, beijá-la, abraçá-la. Mas era cedo demais. Eu a conquistaria e faria minha. Tiraria seus traumas e dores aos poucos, como se puxasse véus que a cobriam. Não me importava o tempo ou o que teria que enfrentar. No fundo, eu sabia que valeria a pena.

Fitei seus lábios lindos, seus olhos e prometi:

- Vou vir aqui sempre, Letícia. Não mais para ver minha irmã. Mas minha namorada. Você.

Novas lágrimas inundaram seus olhos, a emoção se tornou palpável. Sem que eu esperasse, ergueu sua mão e depositou tremulamente sobre a minha, em seu rosto. E disse baixinho, cheia de esperança:

- Sim.

Ali começaria a nossa história.

E o renascer de Letícia.

Table of Contents

[CAPÍTULO 1](#)
[CAPÍTULO 2](#)
[CAPÍTULO 3](#)
[CAPÍTULO 4](#)
[CAPÍTULO 5](#)
[CAPÍTULO 6](#)
[CAPÍTULO 7](#)